

BRASIL-ÁFRICA / ÁFRICA-BRASIL: Pierre Verger revisitado'

José Bento Rosa da Silva"

Resumo

A conferência aborda algumas contribuições do etnólogo-fotográfico Pierre Verger, no que diz respeito à relação histórica entre o Brasil e o continente africano, sobretudo na relação entre Golfo do Benin e Bahia de Todos os Santos, no século XIX.

Palavras-chave

Brasil. África. Pesquisa.

BRAZIL-AFRICA/AFRICA-BRAZIL: Pierre Verger revisited

Abstract

The lecture focuses some contributions by the photo-etnographer Pierre Verger, concerning about the historical relationship between Brazil and the african continent, specially the one between the gulf of Benin and Bahia de Todos os Santos, in the nineteenth century.

Keywords

Brazil. Africa. Research.

Pierre Edouard Léopold Verger nasceu em Paris em 4 de novembro de 1902. Criado num ambiente burguês, em 1931, com 29 anos se viu só com a mãe. O pai, Léopold, e os irmãos, Louis e Jean, haviam falecido. Numa entrevista (1989) a dois jornalistas do *Liberation*, confessou:



• Artigo elaborado para conferência de encerramento do Simpósio Brasil África em 24 de abril de 2009.

• Universidade Federal de Pernambuco, Brasil.

[...] até a idade de 30 anos eu era um rapaz muito conveniente, à imagem da minha família. Eu levava uma vida razoável, na qual era necessário vigiar e escolher quem frequentar: havia aqueles que eram desejáveis de se encontrar porque podiam ser úteis para a existência e aqueles pelos quais eu me sentia mais inclinado. que tinha uma certa fantasia, mas que não eram considerados como sendo relações desejáveis (1E BOUIER, 2002, p. 51).

Em 1932 faleceu sua mãe, Maria Samuel, com a qual tinha uma boa relação e procurava não aborrecê-la. Ao falar a respeito dela numa entrevista, afirmou:

[...] a única pessoa que eu desejava não chocar ao adotar um tipo de vida muito diferente do prescrito pelas normas familiares. Ela teria certamente me apoiado - acrescenta - a seguir o caminho tomado, mas ela teria que ter agüentado de seus próximos reflexões e comentários mordazes e desagradáveis, que poderiam ter ensombrecido os seus últimos dias (1E BOUIER, 2002, p. 53).

As primeiras fotografias de Pierre Verger foram desta época, conforme seu próprio depoimento:

[...] eu tirei as minhas primeiras fotografias com a idade de 30 anos. em 1932. Fiz naquele ano a troca. com um comerciante de máquinas fotográficas de segunda mão, do velho verascópio Richard da família por uma Rolleiflex, que também não era muito nova (1E BOUIER, 2002, p. 53-54).

Verger, já um **homem** livre, começou a viajar:

Eu me pus a viajar, não tanto pelo desejo de fazer pesquisas etnográficas e trazer comigo reportagens, mas pela necessidade de me distanciar, de libertar-me e fugir do meio onde havia vivido até então e cujos preconceitos e regras de conduta não me tomaram feliz [...]. Eu procurava o meu caminho fora da vida traçada pela minha família

e acreditei por um momento que conseguiria satisfazer minhas aspirações ao adotar uma linha de conduta e atividades ditadas por um movimento extremista, anti-burguês. Eu tive a curiosidade de ir visitar a URSS (LE BOULER, 2002, p. 55).

Portanto, a partir de dezembro de 1932, Verger "ganhou" o mundo, "colocou os pés na estrada": Thaiti, Estados Unidos, Japão, China, África (pela primeira vez em 1935), Guatemala, Equador, Dacar, Guiné-Bissau, Venezuela, Martinica, Guadalupe, Santo Domingos, Cuba, Congo e Brasil (Salvador, em 1946).

Da sua primeira estadia em África, em 1935, na região da Argélia, Mauritânia e Mali, as primeiras impressões foram: "Eu terminei este circuito extenuado e algo maltratado pelo sol ardente, que me deixou febril e meio delirante durante uma boa semana." E continua:

Timbuktu servia, na época em que lá passei, de desembocadura do comércio de sal das minas de Taudenni. Assisti em 19 de dezembro de 1935 à espetacular chegada da azalai, uma caravana de mais de cinco mil camelos carregada de pesadas barras de sal que eram em seguida, vendidas no conjunto da bacia do Níger (LE BOULER, 2002, p. 135).

Desta primeira viagem à África, Verger trouxe muitas fotografias, de diversos grupos étnicos, entre elas a das danças dos bobôs, com os corpos ornados com cordões de búzios brancos, e a dos guerreiros konkonbas. Vale citar um relato de Verger acerca de uma das fotografias:

Passei também por Bapuré (Togo), onde os guerreiros konkonbas usavam bonés ornados de búzios enfileirados e com chifres que apontavam para trás. Alguns anos mais tarde, tive a ocasião de admirar Katherine Dunham executar uma dança no palco de um teatro parisiense usando um destes bonés, mas ela o havia posto invertido na cabeça, com os chifres voltados para a frente, o que lhe dava algo de um ar satânico (LE BOULER, 2002, p. 88).

Vindo da Bolívia, Verger chegou a Corumbá (Brasil) a 13 de abril de 1946 e seguiu para São Paulo, encontrando-se com Roger Bastide. Este encontro foi posteriormente lembrado da seguinte forma:



Ele - Bastide - me falou calorosamente da sua recente viagem à Bahia e me deu alguns nomes de pessoas para que eu fosse cumprimentá-las da sua parte. Ele foi o primeiro a me apontar a importância da influência africana na Bahia, da qual eu já tinha uma idéia, por ter lido uma tradução para o francês do romance *Jubiabá*, de Jorge Amado (IE BOUIER, 2002, p. 90).

Verger foi repórter fotográfico na revista *O Cruzeiro* na década de 1950, onde sugeriu reportagens sobre a África com os temas: "Será a África Ocidental a rival das Américas do Sul e Central nos mercados mundiais?"; "Pintores e escultores europeus na África, presentes na arte africana"; "Religiões na África e contrastes nas cidades da África Ocidental em época de transição" (LÜHNING, 2004, p. 38).

Após ter enviado o material sobre a África, Verger recebeu como resposta uma carta informando da devolução do material visto não ser precisamente aquilo que a revista queria. É bom notar que, nos anos 1950, havia uma mobilização de segmentos da sociedade civil buscando estreitar relações culturais com países africanos, como se depreende do jornal *Quilombo*, organizado por intelectuais negros como Abdias do Nascimento, e dos Congressos Afro-Brasileiros,¹ no entanto, a revista *O Cruzeiro*, de grande circulação nacional, desdenhou o projeto de Verger.

Na Bahia, onde fixou residência, Verger conheceu Maria Bibiana do Espírito Santo, com quem travou amizade e foi um dos seus elos entre o Brasil e a África. Verger descreveu o seu encontro com Maria Bibiana, mais conhecida como Mãe-Senhora:

¹ Entre as recomendações do Primeiro Congresso do Negro Brasileiro, realizado em 1950, consta: "O estímulo ao estudo das reminiscências africanas no país bem como dos meios de remoção das dificuldades dos brasileiros de cor e a formação de institutos de Pesquisas, públicos e particulares, com esse objetivo". Cf Nascimento, 2008. p. 139.

Fomos assistir a uma cerimônia de Candomblé no terreiro do Opô Afonjá, situado em São Gonçalo do Retiro onde fomos afavelmente recebidos por Maria Bibiana do Espírito Santo, mais conhecida pelo nome de Senhora. Era a mãe-de-santo do lugar, a pessoa que dirigiu o cumprimento do ritual do culto africano praticado neste templo (LE BOULER, 2002, p. 190).

Pierre Verger fez pesquisa-participante e pesquisa-ação. Utilizou da metodologia da história oral numa época em que o preconceito acerca desta metodologia ainda era vigente, pois se buscava certa objetividade nas pesquisas e, segundo se pensava, a oralidade estava cheia de subjetividades, não se constituindo uma ciência. Enfim, Verger estabeleceu uma profunda relação de investigação entre o Brasil e África. Segundo a antropóloga Juan Elbein dos Santos, ele foi o "detonador" destas pesquisas, no sentido de mostrar que há uma continuidade forte da cultura africana no Brasil.²

Pois bem, ainda em referência à sua amizade com Mãe-Senhora, o etnógrafo havia lhe dito, em outubro de 1948, de seu desejo de retomar à África:

[...] ela mostrou-se interessada quando lhe disse que eu partiria para passar um ano na África para fazer uma peregrinação às fontes da religião que ela praticava. Ela fez questão de propor-me colocar sob a proteção dos orixás que eu logo iria visitar. Quatro dias depois, fui passar a noite no terreiro do Opô Afonjá, onde ela dedicou minha cabeça a Xangô, deus do trovão, e me entregou um colar vermelho e branco, as cores que o simbolizam. Através desta cerimônia me tomei um filho espiritual desta grande mãe-de-santo. Ela marcava minha inclusão neste mundo do candomblé; doravante eu dele fazia parte e iria poder falar em seu nome na África [...]. Eu me identificara e continuava a me identificar com os descendentes de africanos. e tinha, antes de ir para lá, um “passaporte” que guardo sempre comigo, meu colar de Xangô: é o colar que usam aqueles que fazem e praticam o culto de Xangô, ao qual em princípio, sou dedicado.

² Sobre esta questão, ver Hollanda, 2006.



Então eu me sentia "in", eu estava dentro. Eu tinha cumprido cerimônias em um templo de Candomblé. Uma dama negra, minha excelente mãe, Dona Senhora, havia consagrado minha cabeça a Xangô, deus do trovão.

[...] Fui então para a África, depois de ter sido iniciado. Iniciado não quer dizer ser alguém a quem um segredo foi transmitido. Iniciado significa mais saber comportar-se como convém e respeitar um certo número de regras admitidas em uma determinada sociedade. Tão bem que assim que cheguei na África, no Daomé e na Nigéria, encontrei pessoas que praticavam o culto de Xangô. Mostrei-lhes o meu colar-passaporte e declarei-lhes que eu era de Xangô, prostemei-me diante do altar do trovão dos iorubas e pronunciei as saudações habituais [...] (LE BOULER, 2002, p. 191).

Com uma bolsa de estudos da Escola Francesa da África, de Dacar, Verger iniciou as pesquisas no Daomé e na Nigéria, no período de dezembro de 1948 a novembro de 1949:

[...] Cheguei em 24 de novembro de 1948 em Dacar, onde fui bem acolhido por Théodore Monod, cuja iniciativa de conseguir uma bolsa de estudos da *Ecole Française d'Afrique* foi providencial: eu estava muito grato. tanto mais que. por não ter na época nenhum título universitário, eu quase não podia ter a pretensão de receber tal assistência para proceder às minhas pesquisas (LE BOULER, 2002, p. 195).

Pierre investigou a relação existente entre os vodus da Casa das Minas, de São Luiz do Maranhão, e os da região do Daomé e do Togo, de onde foram trazidos os Minas. Muito lhe ajudou as anotações feitas a partir de conversas com Mãe Andressa, da Casa das Minas, feitas anteriormente.

Sobre esta pesquisa, Verger afirmou: “[...] passei a maior parte desta estadia em Abomé, capital do antigo reino do Daomé. Os nomes dos vodus anotados em São Luiz do Maranhão fizeram maravilhas” (LE BOULER, 2002, p. 196).

Com o nome de alguns voduns fornecidos por Mãe Andressa, Verger constituiu um paradigma indiciário do qual nos fala Carlo Ginzburg, autor de *Mitos. Emblemas Sinais* e *O queijo e os vermes*, dentre outros. Nessa perspectiva metodológica, o pesquisador deve se metamorfosear em Sherlock Holmes, atento a cada sinal ou pista, aparentemente invisível, mas que pode revelar tramas de acontecimentos do passado nos subterrâneos do presente; cidades invisíveis, conforme investigou Ítalo Calvino (2003), ao analisar a relação entre o passado e o presente.

As pesquisas realizadas no Daomé e na Nigéria criaram um vínculo entre os religiosos africanos e brasileiros, sendo Verger um dos mensageiros:

[...] Levei ao rei de Ijexá, na Nigéria, uma carta escrita pelo digníssimo pai-de-santo Eduardo Ijexá, na qual ele o saudava com termos iorubas tão apropriadamente escolhidos que lhe valeu uma resposta deste soberano que o tratava de primo [...]. [...] Ataoja, rei de Oshogbo, cuja dinastia está ligada ao culto de Oxum, ficou exuberante ao saber que um fervoroso culto era feito para esta divindade no Brasil e envia para mãe-senhora, aos meus cuidados, pulseiras de cobre e seixos de rio provenientes do altar de Oxum [...] (LE BOULER, 2002, p. 198).



[...] Alafin Oyo, rei dos iorubas me recebeu com afabilidade e ficou feliz em saber que o culto de Xangô, seu ancestral, era popular no Brasil. em Cuba e em Trinidad. Ofertei-lhe um retrato de mãe-senhora e disse-lhe que ela era descendente, na quinta geração de um Iyanasso Oyo. Ora, Iyanasso é o título usado pela sacerdotisa do templo de Xangô que existe no palácio real. Ele chamou a Iyanasso atual para que eu tirasse uma foto dela destinada à mãe-senhora. Vendo-o tão bem disponível, pedi-lhe que me confiasse, para ela, elementos que pudessem contribuir para reforçar o poder (axé) de Xangô no terreiro do Opô Afonjá. Seguindo-se a este pedido, ele mandou entregar-me um "machado de raio" e um instrumento musical chamado xeré, utilizado para acompanhar a enunciação das saudações rituais de Xangô, provenientes do altar de Onan Mangba, o primeiro dos guardiões do culto de Xangô em Oyo. Pedi ao Alafin Oyo que autenticasse os

objetos sagrados que eu levava através de uma carta ditada ao seu secretário, a fim de que, na Bahia, não se pudesse duvidar da sua procedência. Esta carta foi dirigida a Mãe-Senhora Iannassô do Brasil [...] (LE BÜULER, 2002, p. 199).

O envolvimento de Pierre Edouard Léopold Verger com a cultura africana na África e na diáspora transformou-o em Pierre Fatumbi Verger, conforme escreveu a um amigo em 12 de abril de 1953: "[...] Encontrei a sua carta ao retornar de Queto, para onde fui como Pierre Verger e voltei como Fatumbi, que significa 'Ifá recolocou-me no mundo' [...]" (IE BOUIER, 2002, p. 248).

Em 14 de abril do mesmo ano escrevia a outro amigo: "[...] sou um nagô quase completo agora, acabo de participar em Queto de uma cerimônia na qual o meu signo de Ifá (meu destino) foi buscado e minha aceitação como aprendiz de adivinho foi autorizada" (IE BOUIER, 2002, p. 248).

Ao falarmos das contribuições de Verger no âmbito das pesquisas entre África e Brasil, temos necessariamente que nos remeter ao seu texto clássico *Fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o Golfo do Benin e a Bahia de Todos os Santos dos séculos XVII a XIX*, sobre o qual afirmou o antropólogo Milton Guran: "[...] é um livro básico, capital sobre o tráfico. É possível estudar durante cem anos sobre aquilo que Verger apontou as pistas" (HOLLANDA, 2006.) Ou seja, a obra de Verger é uma porta aberta para os estudos relacionados entre o Brasil e a África e vice-versa.

Fluxo e refluxo... foi tese de doutorado apresentada junto à Faculdade de Letras e de Ciências Humanas da Universidade de Paris, orientada por Paul Mercier. Às vésperas do primeiro centenário da abolição formal do trabalho escravo no Brasil, na introdução da primeira edição brasileira desta obra (1987), Verger escreveu:

Este livro é fruto de um trabalho desenvolvido há mais de quarenta anos, foi publicado pela primeira vez na França, em 1968, e é a tese que defendi na Sorbonne dois anos antes, a conselho de Fernand Braudel, interessado por minha abordagem não acadêmica do tema. O ponto de partida de minhas pesquisas foi a cidade de Uidá, no Daomé (atual República Popular do Benin), onde encontrei, por acaso,

um registro contendo 112 cópias de cartas enviadas, no século passado (XIX), por um negreiro chamado José Francisco dos Santos, o "Alfaiate", apelidado assim em função da profissão que exercera na Bahia antes de se estabelecer na costa africana [...]. O que procuro mostrar aqui, fundamentalmente, são as conexões e influências recíprocas, sutis ou declaradas, que se desenvolveram entre as duas regiões caracterizadas na correspondência do "Alfaiate". Espero ser este livro capaz de transmitir a impressão de unidade que tanto me surpreendia, em minhas freqüentes idas e vindas entre a Bahia e o antigo Daorné, na medida em que muito me impressionava encontrar numa margem do Atlântico coisas familiares e semelhantes àquilo que existia do outro lado [...] (VERGER, 2002, p. 23).

Ao término do presente Simpósio Brasil-África de Ensino Superior, no qual o acaso quis me presentear com a Conferência de encerramento, escolhi revisitar Verger que, para além da vida de pesquisador, nos ensina lições entre o passado / presente de um só povo separado por um grande "rio" chamado Atlântico, para não esquecer a obra *Um Rio Chamado Atlântico*, do grande pesquisador brasileiro sobre a história da África, Alberto da Costa e Silva. Nesta, o autor identifica as semelhanças entre o continente africano e o Brasil nos seus diversos aspectos, como se o Atlântico fosse um grande rio separando os dois territórios: um na margem direita e outro na esquerda (SILVA, 2003).

Em tempos de globalização, temos grandes possibilidades de reatar as duas margens, que até pouco tempo atrás estavam de costas uma para a outra por razões que não cabem abordar no momento, mas que este Simpósio, dentre outros tantos que virão, nos ensinaram e ensinarão (relembrando uma escrita dos povos Akan) que "nunca é tarde para voltar e recolher o que ficou para trás".

Referências bibliográficas

- CALVINO, Ítalo. 2003. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras.
- LE BOULER, Jean-Pierre. 2002. *Pierre Fatumbi Verger: um homem livre*. Salvador: Fundação Pierre Verger.
- LÜHNING, Â. (org.). 2004. *Pierre Verger: repórter fotográfico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- _____. (org.). 2002. *Verger/Bastide: dimensões de uma amizade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- NASCIMENTO, Elisa. Larkin. (org.). 2008. *Sankofa 2 - cultura em movimento: matrizes africanas e ativismo negro no Brasil*. São Paulo: Selo Negro.
- PIERRE Verger: mensageiro entre dois mundos. 2006. Direção de Lula Buarque de Hollanda. São Paulo: Europa Filmes, Color/83min.
- SILVA, Alberto da Costa e. 2003. *Um Rio chamado Atlântico: o Brasil na África e a África no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- VERGER, Pierre. 2002. *Fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o Golfo do Benin e a Bahia de Todos os Santos (dos séculos XVII-XIX)*. 4. ed. Salvador: Corrupio.

NORMAS PARA A APRESENTAÇÃO DE COLABORAÇÕES

A revista Estudos de Sociologia publica artigos, resenhas de livros e entrevistas que tragam contribuições originais para as diversas áreas temáticas dessa disciplina.

Os artigos e resenhas devem ser apresentados em 2 (duas) vias, em formato A4, com margens de 3 cm, texto digitado com espaço duplo (resumos, notas e referências com espaço simples), fonte *Times New Roman* 12, alinhamento justificado e parágrafo com indentação de 1,25 cm. Os artigos não devem ultrapassar 25 laudas e as resenhas não devem ultrapassar 6 laudas.

Cada artigo deve ser acompanhado: a) de um resumo (em português e inglês), não ultrapassando 200 palavras, seguido de relação de palavras-chave (em português e inglês), com inicial maiúscula e separadas entre si por ponto; b) de dados sobre o autor (instituição. cargo. qualificação acadêmica. áreas de interesse, últimas publicações. endereços postal e eletrônico. telefone/fax),

Os autores cujos textos forem aprovados para publicação entregarão seu trabalho em formato eletrônico. Quadros, mapas, tabelas etc. em arquivo separado, com indicações claras. ao longo do texto, *dos* locais em que devem ser incluídos.

As citações diretas de até 3 linhas devem estar contidas entre aspas e as citações diretas com mais de três linhas devem ser destacadas do parágrafo, com recuo de 4 cm da margem esquerda, fonte tamanho I e sem aspas. As supressões devem ser indicadas por [...] e as interpolações. acréscimos e comentários devem ser colocados entre colchetes. A indicação de citação será feita pelo sistema autor-data. Se houver grifo, deve-se indicar a autoria (grifo nosso / grifo do autor).

Exemplos:

a) **um autor:** Weber (1971), Weber (1971, p. 72), Weber (1971, p. 85, grifo nosso);

Obs.: quando colocadas entre parênteses. as chamadas pelo sobrenome do autor devem estar em letras maiúsculas. (WEBER. 1999), (WEBER. 1999. v. 1, p. 72-73);

b) **dois autores:** Laclau e Mouffe (1985);

Obs.: quando colocadas entre parênteses, os sobrenomes dos autores devem estar separados por ponto-e-vírgula. (LACLAU; MOUFFE, 1985, p. 35);

c) **um autor e várias obras:** (DREYFUSS, 1989. 1991, 1995);

d) **diversas obras de diferentes autores:** (BASTOS, 1979; CASTRO. 1976);

e) **citação de citação:** Schiller(1964 apudARAÚJO. 1986. p. 175). (SCHILLER, 1964 apud ARAÚJO. 1986, p. 175).

Obs.: Quando existir coincidência de sobrenomes de autores. acrescentam-se as iniciais do prenome; se ainda assim houver coincidência, os prenomes são

colocados por extenso. Se houver mais de um título do mesmo autor no mesmo ano, eles são diferenciados pelo acréscimo de letras minúsculas, em ordem alfabética, após a data.

As referências bibliográficas entram no final do artigo, em ordem alfabética, digitadas em espaço simples e separadas entre si por um espaço duplo e alinhadas apenas a esquerda. Seguem algumas orientações básicas:

Livro: SOBRENOME, Prenome (iniciais ou por extenso). Ano de publicação. *Título da obra em itálico*: subtítulo. Indicação do tradutor, prefaciador, introdutor (informação opcional). Número da edição (se não for a primeira). Local de Publicação: Editor. Número de páginas ou volume (opcional). (Série ou coleção, entre parênteses). Quando houver mais de um autor, separá-los com ponto-e-virgula.

Exemplo: VELOSO, Mariza; MADEIRA, Angélica. 2000. *Leituras brasileiras: itinerários no pensamento social e na literatura*. 2. ed. rev. São Paulo: Paz e Terra.

Parte de **livro**: AUTOR da parte. Ano de publicação. Título da parte. Termo In: Autor da obra. *Título da obra*. Número da edição. Local de Publicação: Editor. volume (se houver), páginas inicial-final da parte.

Exemplo: KONDER, Leandro. 2000. História dos intelectuais nos anos 50. In: FREITAS, Marcos Cezar (Org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. 3. ed. São Paulo: Contexto. p. 355-374.

Dissertações e teses: AUTOR. Ano de apresentação. *Título*: subtítulo. Categoria (Grau e área de concentração) - Instituição, local.

Exemplo: GOMES JÚNIOR, Guilherme S. 1996. *Palavra peregrina: idéias barrocas e o pensamento sobre artes e letras no Brasil*. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Artigo de revista: AUTOR do artigo. Ano. Título do artigo. *Título da Revista*, Local de publicação, volume, fascículo, páginas inicial-final, período.

Exemplo: CHIAPPINI, Lígia. 1995. Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, p. 153-159.